

Este texto foi lido no encontro internacional

Universos da Língua Portuguesa
5º Encontro Internacional de Língua e Cultura Lusófonas
Universidad Argentina de la Empresa (UADE) – Lima, 717, Buenos Aires, Argentina
2, 3, 4/6/1998

Literatura fora-de-escola: Linguagem e discurso

Cicero Galeno Lopes

Esta comunicação está organizada em duas partes: na primeira, historio rapidamente a pesquisa; na segunda, desenvolvo o tema.

Tenho procurado identificar e conhecer, através de pesquisas e discussões de aula, certa literatura que recentemente toma força no Brasil. Em minha tese de doutorado, identifiquei essa literatura que se caracteriza inicialmente por não se enquadrar nas tradicionais escolas literárias. Daí por que a identifiquei como literatura fora-de-escola. Denominei-a posteriormente *literatura de dissidência*, em virtude da resistência dialógica que constrói diante da literatura hegemônica tradicional e do acervo transepocal que constitui, que em conjunto configuram essa dissidência.

Tomei de Bakhtin a posição inicial, a partir dos estudos que fez a respeito da obra de Dostoiévski. As formas marcantes dos textos percebi no Lazarillo, no Fierro de Hernández, no Blau Nunes de Simões Lopes e em alguns outros narradores. Sob o ponto de vista crítico, parti de Mário de Andrade, em suas pesquisas a respeito do romance *Memórias de um sargento de milícias* (1852) de Manuel Antônio de Almeida, e de Carlos Fuentes, a partir de *La nueva novela hispanoamericana* (1969). A confirmação do processo de elaboração dessa proposta obtive nos estudos realizados sobre a obra crítico-teórica e literária de Donald Schüler. Um pouco mais tarde, tomei conhecimento das contribuições de Mario González, através dos estudos que desenvolveu a respeito do que denominou neopicaresca latino-americana.

Nesta comunicação me ocupam especialmente a linguagem e o discurso da literatura de dissidência, recentíssima como categoria. Se a literatura é antes de tudo linguagem e discurso, a questão parece pertinente.

Bakhtin distinguiu o texto dialógico dos demais e teorizou sobre ele, calcando a observação na linguagem. Carlos Fuentes falou de “linguagem sequestrada” na América Latina, referindo-se à dificuldade que a literatura latino-americana encontrou através dos tempos para interpretar seu mundo próprio. A linguagem sequestrada de que fala Fuentes é a linguagem negada pelo poder da conquista e da colonização. Essa linguagem sequestrada seria, segundo ele, a única capaz de nos expressar, i. é, expressar eficazmente nossa maneira de interpretar e reorganizar o mundo.

Fundamentados explicitamente ou não em Bakhtin, teóricos e críticos como Marc Angenot e José Luis Fiorin ressaltaram recentemente a importância de aprofundar estudos a respeito do discurso, como forma de compreender as diferenças entre intertextualidade e interdiscursividade, i. é, entre diálogo intertextual e diálogo interdiscursivo. Donald Schüler viu nossa linguagem entretecida com linguagens estranhas, ou seja, formas sequestradoras, que dificultam nossa expressividade. Isso obstaculiza a elaboração de uma literatura própria, embora reconheça várias tentativas exitosas a respeito. Para Schüler, a literatura é *reflexão imaginativa* sobre o mundo. Uma literatura com linguagem própria seria, portanto, sua condição de expressividade.

Minha preocupação neste momento é trabalhar com as distinções entre *linguagem* e *discurso* na construção dos textos da literatura de dissidência. A linguagem, a partir das teorizações que fundamentam estas reflexões, é a forma de interpretar o mundo. O discurso literário é a maneira particular de expressar essa interpretação. Na conjunção da linguagem com o discurso se estabelece a única maneira possível de dizer e sugerir as nuances de qualquer cultura, ainda que não seja entendida como especialmente particularizada.

As linguagens, portanto, se especificam no âmago e no âmbito das culturas a partir das concepções do mundo. Os discursos, por seu turno, são construídos a partir das linguagens e das formas da fala. Na literatura de dissidência especialmente, os discursos são construídos a partir das formas da fala sem prestígio, afastadas dos centros de prestígio. Essas formas estiveram sempre marginalizadas pela crítica, especialmente pela crítica acadêmica. Parece que essa crítica esteve, pelo menos quase sempre, de mãos dadas com a literatura hegemônica, de prestígio, construída a partir das formas da fala do poder e de seus subservientes.

A linguagem literária de dissidência, portanto, se constrói ideologicamente vinculada à população sem prestígio nem poder. Em texto por ela constituído, a

população geral não é apenas personagem, alegoria ou centro de trama; vale dizer, não se limita à participação bastante ou pouco expressiva no enredo do texto. Não se limita tampouco a ser representada; ela se faz expressiva de e nos seus próprios valores. A linguagem capacita o discurso, e ele possibilita a multiplicidade, nas consciências e nas vozes. O mundo ficcional (universo até agora parcialmente pesquisado da dissidência) passa a ser visto pela ótica do mundo *de baixo*. Assim, essa literatura se alia às aspirações e concepções das populações tradicionalmente marginalizadas pelo poder e pelo prestígio letrado. A linguagem assim concebida reconstrói e reorganiza continuamente o mundo. Através dela, o leitor reflete, como *outra* consciência, sobre o mundo circunstante. Sublinho a concepção de *mundo circunstante* e não *mundo circundante*. Isso é relevante, porque o circundante não subentende a participação efetiva das culturas através das vozes diversas e autônomas. O circundante aponta à estaticidade e não à interação. O meio circunstante, esse sim, subentende mobilidade e interação, i. é, a circunstância de todos, inclusive, claro, a do narrador, a dos personagens e a do discurso, movido a linguagem específica, única possível em cada universo cultural. Dessa forma, a leitura não será apenas receptiva, mas também ativa, i. é, dialógica. A recepção do texto é, pois, entendida já *a priori* como necessariamente crítica e conseqüentemente reconstrutiva. Tomo aqui texto como a interferência entre a reflexão e seu objeto.

A aceitação da reconstrução como forma do texto se contrapõe à concepção renascentista de criação. Com isso, o leitor é também reelaborador ou, impropriamente, autor. Digo impropriamente, porque a concepção de autor é também estranha às ideias centrais do dialogismo. Não se coaduna com a ideia de que o texto é sempre retocado, reconstruído. No âmbito do dialogismo e da reconstrução, é impossível falar de verdade final ou absoluta, como é impróprio falar de significado último. Os *objetos* a serem conhecidos ou construídos, no caso específico do texto literário dialógico elaborado ou em elaboração, são resultados da multiplicidade de consciências autônomas que nessa condição adquirem voz. Os objetos de conhecimento ou de (re)elaboração, por consequência, são continuamente refeitos e reexaminados. Essa característica leva à aceitação do inacabamento e da continuidade espiralada da construção das verdades ideais, i. é, das utopias que as comunidades culturais elaboram e reelaboram. Isso é totalmente coerente com a proposta dialógica, vale dizer, com a multifacetação da verdade, da linguagem e do discurso. Assim, não apenas a língua (que só existe

idealmente) é coletiva; o resultado discursivo também o é. Ele é coletivo em determinada cultura no âmbito de determinada língua.

Retomo o início ou o ponto fulcral que nos interessa: a condição da linguagem como constituinte primordial do texto que nos pode expressar. Simões Lopes Neto, nos primeiros anos deste século, rompeu com o discurso formal da literatura brasileira, então por alguns às vezes entendida como “ramo da portuguesa”. Rompeu com o texto tradicional e com a gramática formal, voltada ao passado histórico e cultural, ou seja, à colonização e à inferiorização. Ele fez isso a partir do discurso oral dos gaúchos do fim do século passado. Foi reconhecido nacionalmente quando os modernistas, pela palavra de Mário de Andrade, viram no texto simoniano a linguagem própria da *modernidade* discursiva então concebida. Não só temos então uma literatura que nos pode expressar, mas a temos própria, a que tão-somente uma linguagem apropriada, reconstrutora pode elaborar. O cânone tradicional cede seu lugar único e central aos cânones representativos e em permanente reelaboração, faltos de unicidade e de univocidade e por isso ricos. O êxito da fala de Riobaldo no *Grande sertão: veredas* se deve em grande parte aos ensinamentos de Blau Nunes, narrador dos *Contos gauchescos* de Simões Lopes Neto. O dialogismo assim entendido se fortalece entre nós em textos como os *Contos gauchescos*, *Macunaíma*, *Grande sertão: veredas*. A reconstrução dialógica está perfeitamente representada no romance *Manuscrito holandês* de Cavalcânti Proença e no romance *O Tatu* de Donald Schüler.

Parece que libertamos parcialmente – os textos dissidentes estão fazendo isso, mas não apenas eles – a linguagem que nos foi sequestrada. Apesar disso, há ainda quem veja na literatura apenas o que se conforma aos jeitos que não são nossos. Ainda citamos os gregos e os romanos antigos, mas desconhecemos o que nos circunstancia e o que possivelmente somos. Essa é nossa arcádia, às vezes emplumada e seminua, mas arcádia. Ainda enchemos o peito ao usar a língua que nos domina e aprisiona, mas baixamos a cabeça ao falar de nós. Nossa linguagem mascarada pretende ser nossa verdadeira cara. O sequestro destrói o processo lógico, porque o obscurecimento ou a desconsideração de qualquer voz nega de início e por conceito a concepção dialógica do texto e da construção da verdade, ainda que a saibamos precária e transitória: dialógica. Esse parece ser, antes de qualquer outro, o papel da literatura de dissidência, ou, se se preferir, da literatura fora-de-escola, que ultimamente se tem fortalecido em vários quadrantes do mundo e, no que me cabe comentar, no Brasil. Por isso e por

todas as outras razões que conhecemos, a literatura fora-de-escola aguarda ainda os estudiosos que a farão mais crítica e teoricamente clara e mais aprofundadamente conhecida.

Na palavra de Macunaíma, remato o texto. No fim de *Macunaíma: o herói sem nem um caráter*, o anti-herói amazônico declara: “[...] só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os casos e a fala desaparecida. [...] depois abriu asa rumo de Lisboa. [...] e eu fiquei pra vos contar a história”.

Referências

- ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Ed. crít. por Cecília de Lara. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- ANDRADE, Mário de. Introdução. In: ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. Ed. crít. por Cecília de Lara. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- _. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Ed. crít. por Telê P. A. Lopez. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: Secr. da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.
- ANGENOT, Marc. Hégémonie, dissidence et contrediscours: Reflexions sur les périphéries du discours social em 1889. *Études littéraires*, v. 22, n. 2, 1989, p. 11-24.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. Em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994.
- FUENTES, Carlos. *La nueva novela hispanoamericana*. México: J. Mortíz, 1969.
- GONZÁLEZ, Mario. *O romance picaresco*. São Paulo: Ática, 1988.
- HERNÁNDEZ, José. *El gaucho Martín Fierro y la vuelta de Martín Fierro*. Buenos Aires: Campano, 1968.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. *Manuscrito holandês ou a peleja do caboclo Mitavaí com o monstro Macobeba*. Rio de Janeiro: Antunes, 1959.
- ROSA, J. Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- SCHÜLER, Donald. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto : IEL, 1987.
- _. *O tatu*. Romance. Porto Alegre: Movimento, 1982.
- _. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989.
- VIDA del Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades*. Madrid: Sociedad General Española de Librería, 1976.

Bibliografia

- APULEIO. *O burro de ouro*. Trad. por Francisco António de Campos. Intr. por Eudoro de Sousa. Lisboa: Estampa, 1978.
- BERND, Zilá; DE GRANDIS, Rita (org.). *Imprevisíveis Américas*. Questões de hibridação cultural nas Américas. Porto Alegre: Sagra D.C. Luzzatto : Abecan, 1995.
- BOYER, Alain-Michel. *La paralittérature*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.
- CAMARGO, Suzana. *Macunaíma, ruptura e tradição*. São Paulo: Massao Ohno : João Farkas, 1977.
- CARVALHO NETO, Paulo de. *Meu tio Atahualpa*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- FERREIRA, João-Francisco (coord.). *Crítica literária em nossos dias e literatura marginal*. Porto Alegre: UFRGS, 1981.
- GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim: vagabundos e miseráveis na literatura europeia: 1400-1700*. Trad. do polonês por Henryk Siewierski. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GONZÁLEZ, Mario M. *A saga do anti-herói*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- LOPES, Cicero Galeno Urroz. *Reconstrução e dissidência* (estudo em três narrativas brasileiras). Tese (Doutorado em Letras / Literatura Brasileira) – Univ. Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.
- LOSADA, Alejandro. *Sistemas literários como instituições sociais na América Latina*. Trad. por Roque da Silva. *Contexto*, São Paulo, n. 2, mar. 1977. p. 37-61.
- MEDINA, Sinval. *Memorial de Santa Cruz*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- MENDONÇA, Bernardo de. D´Almeida, Almeidinha, A., Maneco, Um Brasileiro: mais um romance de costumes. In: ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Obra dispersa*. Introd. sel. e notas por Bernardo de Mendonça. Rio de Janeiro: Graphia, 1991.
- MEYER, Augusto. *Cancioneiro gaúcho*. Porto Alegre: Globo, 1952.
- MORIANA, Antonio Gomez. Intertextualidad, interdiscursividad y parodia; sobre los orígenes de la forma narrativa en la novela picaresca. *Dispositio*, Michigan, v. 8, n. 22/23, [s. d.], p. 123-144.
- PETRÔNIO. *Satiricon*. Trad. por Miguel Ruas. Intr. por G. D. Leoni. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s. d.].
- SABINO, Fernando. *O grande mentecapto*. Relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inumeráveis peregrinações. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- SCHÜLER, Donald. *Império caboclo*. Florianópolis: UFSC : FCC; Porto Alegre: Movimento, 1994.
- _. Macunaíma, imperador do mato virgem. *Organon*, Porto Alegre, v. 8, n. 21, 1994. p. 147-158.
- _. *Pedro de Malas Artes*. Porto Alegre: Movimento, 1992.
- THEODORO, Janice. *América barroca: Tema e variações*. São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- VIEIRA, José. *Vida e aventura de Pedro Malasarte*. João Pessoa: A União, 1980.